

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Armando Joaquim

registada em 2009-02-05
por

Joana Ribeiro e Hugo Pereira

Armando Joaquim

Armando Joaquim nasceu na Benfeita, a 12 de Março de 1927. Filho de Joaquim e Maria dos Anjos, ambos da Benfeita. Teve dois irmãos. O pai trabalhava na arte de moleiro e a mãe no campo. Armando ajudou os pais até à idade de 13, 14 anos “ao dia fora e na arte de moleiro”. “Aos 8 anos, já andava na escola.” Só fez o exame da terceira classe, “já andava farto de escola”. Aos 16 anos foi para Lisboa. Primeiro trabalhou num armazém do Bairro Alto, “era uma coisa de farmacêutica”. Depois foi trabalhar como estucador e ganhava 30 escudos. Também trabalhou na venda da rua. “Era negócio a vender fruta com umas gigas.” Esteve sete anos em Lisboa. Voltou para a Benfeita quando o pai adoeceu e quando este faleceu “vim pegar na arte”. Foi moleiro mais de 30 anos. A sua mulher morava à sua frente. Casou três anos depois de regressar de Lisboa, tinha 27 anos. Tem um filho.

Índice

Identificação Armando Joaquim.....	4
Ascendência José Joaquim e Maria dos Anjos.....	4
Infância "Já andava aí a cavar terra".....	5
Educação "Para escrever, era canetas e lápis".....	5
Migração "Não foi difícil adaptar-me".....	6
Percurso profissional Sete ofícios.....	6
Ofício "Vim pegar na arte".....	9
Casamento "Já tinha alguns 27 anos".....	10
Costumes Hábitos.....	12
Lugar "Benfeita de Arganil".....	13
Quotidiano "82 anos é muito".....	15

Identificação *Armando Joaquim*

O meu nome é Armando Joaquim. Nasci aqui, na Benfeita, a 12 de Março de 1927.



Armando, Alberto e Dorinda no dia do casamento do filho Alberto

Ascendência *José Joaquim e Maria dos Anjos*

O meu pai chamava-se José Joaquim e a minha mãe Maria dos Anjos. Eram daqui. Como se conheceram, não sei. Então, eu é que sei como é que eles se conheceram? Ainda não era vivo quando eles se casaram.

Ele andava na arte de moleiro a trabalhar e ela trabalhava no campo. A arte de moleiro era moer milho, trigo e centeio. Ia-se buscar aí. O meu pai era renda. Tinha o moinho de renda. Não era dele. Não sei como é que ele começou esse trabalho. Então eu ainda não era vivo.

Tinha dois irmãos. Já morreram. Os meus irmãos foram para Lisboa e eu fiquei.

O ambiente em casa era bom, mas às vezes os meus pais castigavam-me. Se eu as merecesse, tinham que mas dar. Eu também criei um filho e, quando

ele as precisava, eu dava-lhas. A minha mãe era pior, porque eu, às vezes, era teimoso, andava ao pé dela e não queria ir fazer as coisas. Ela batia-me, pois, porque as merecia. Às vezes, mandava-me ir à lenha e ao mato e eu não queria ir. Uma pessoa não está sempre bem-disposta.

Infância "*Já andava aí a cavar terra*"

Andei até aí à idade de 13, 14 anos ao pé dos meus pais, ao dia fora e na arte de moleiro. Ia com o meu pai. Ela ia para o rio e para Côja. Tinha lá umas moendas arrendadas de Verão. De Inverno, moía cá, no rio. Para fazer a farinha tinha rodas e umas mós dentro. Trabalhavam dois casais de mós. A própria água tocava a roda de roda. Agora, aqui, era um motor eléctrico. Ali eram rodízios. Eram umas caleiras. Tinham rodízios e tocava. Era conforme se podia para ganhar dinheiro.

A minha mãe tinha gado. Eu ia para o gado. Guardava-o. Tinha umas cabritas, tinha uma ovelha ou duas. Ia levar para o mato e para a erva. E roçava mato. Cortar o mato e trazê-lo para a loja para lhe botar e para estrume para as batatas, para feijão. Em primeiro, era só estrume. Naquele tempo, não havia adubos. Era o que fazia. Mais nada.

Não havia brinquedos. Não havia vagar para brinquedos. Era trabalhar. Eu da idade de 14, 15 anos já andava aí a cavar terra para milho de manhã até à noite com o ancinho nas mãos.

Educação "*Para escrever, era canetas e lápis*"

Aos 8 anos, já andava na escola. Era aqui na Benfeita. Agora, está diferente. Arranjaram aquilo. Antes, era um salão. Não tinha divisões. Tinha carteiras e estavam lá os alunos. Naquele tempo, havia muita criança. Apanhava aqui a freguesia toda. A freguesia aqui é grande. Agora, há pouca gente. Já morreram quase todos.

Para escrever, era canetas e lápis. Mas isso já lá vai há tantos anos... Agora é que eu já me lembra? Eu estive lá e só fiz exame da terceira. Não quis fazer da quarta. O professor queria-me levar ao exame e eu disse:

- Não, não quero.

Já andava farto de escola. E ele uma vez deu-me lá. Nunca me esquece. Quando estava para fazer exame, no livro que teria metais, por causa de dar um erro, deu-me algumas dez reguadas. Disse:

- Já não dá mais!

E depois já não fui. Talvez fizesse mal, mas eu para mim sei mais ou menos ler. Mal, mas... Agora, já a idade assim não o permite. Uma pessoa, quando é nova, é uma vida. Agora, quando uma pessoa já tem idade, às vezes, já nem vê bem as letras. Eu no outro dia nem via as letras já. Não conseguia ler nem nada. É assim a vida.

Migração "*Não foi difícil adaptar-me*"

Fui para Lisboa com a idade de 16 anos. Arranjaram-me para lá uns tipos conhecidos, que estavam lá em Lisboa. Eram do Monte Frio, uma terra, que pertence aqui. Já morreram. Pedi-lhes e eles levaram-me. Fui na carreira. Não há aí carreira? Não há aí camionetes? Daqui para Coimbra há camionete todos os dias. Já há camionete. Depois apanhou-se o comboio em Coimbra.

Havia lá muita gente da Benfeita, em Lisboa, mas aquilo era grande. Uma pessoa não ia lá agora saber se lá estavam 20, se 30, se 40, se 10. Lidava com alguns, com outros não lidava. Eles iam para lá, porque aqui o meio era pobre e uma pessoa ia procurar. Muitos não vão daqui lá para fora? Para ver se ganham mais dinheiro? Então! A gente tínhamos que andar naquele tempo. Agora, isto mudou. Mas, no tempo do Salazar, era um caso sério! Houve muitos que passaram fome. Passaram fome! Não tinham dinheiro para gastar.

Não foi difícil adaptar-me. Os primeiros dias é mau, porque uma pessoa no movimento está sujeito a perder-se, mas em lá estando oito dias, uma pessoa, sendo nova, fica tudo na cabeça. Ora, agora ao fim de velho é que é mau.

Vivi em diversos lados. Vivi sozinho. Então ia com quem? Fui sozinho. Estive na Quinta do Coleginho, estive na Calçada de Arroios. Depois, mudei-me para outro, porque a renda era mais barata. Uma pessoa procurava sempre onde era mais barata a renda. Uma pessoa se pudesse pagar 50, não pagava 100. Isto é assim. Uma pessoa se quiser tratar da vida é assim.

Percurso profissional *Sete ofícios*

"Uma coisa de farmacêutica"

Primeiro, em Lisboa, fui para um armazém no Bairro Alto. Era uma coisa de farmacêutica, a cortar ervas para remédios. Eles tinham aquilo tudo numerado. Era assim uma coisa com prateleiras, uma pessoa cortava ali as ervas todas e punha aquilo tudo em ordem. Eles, depois, chegavam lá, tiravam aquela coisa

e cortávamos assim bocadinhos miúdos com uma tesoura. Eles chegavam ali, tiravam daquela coisa. Estava marcada, tinha o nome da erva e levavam-na para medicamentos. Não sei donde é que eles a gastavam. Havia lá um laboratório e eles aí gastavam. Ganhava 17 escudos por dia. Se fosse por mês, então ainda pior! Nem dava para comer. Era no tempo do Salazar. Era uma miséria. Ainda lá estive uns dois meses ou três, mas aquilo chegava-se ao fim do mês para comer e pagar a renda, ia-se embora o dinheiro todo. Disse assim:

- Então, isto não adianta cá estar!

Era pouco. Tive que procurar outro coiso melhor e mudei-me.

"Subir para um quarto e quinto andar"

Depois, fui para as obras. Pedi lá a um tio meu, que ajustava obra de estucador. Andei a dar serventia aos estucadores. Caldeava cal, amassava e botava-lhe. Ganhava alguns 30 escudos. De 17 passei para 30, mas o trabalho era pior. Subir para um quarto e quinto andar, com um latão de massa, ali todos os dias a acartar. Era bom? O que era, uma pessoa era novo, aguentava-se. Trabalhei em diversos lados. Trabalhei em Algés, trabalhei no Dafundo, andei a trabalhar lá em Lisboa, em diversos lados. Nunca saí de Lisboa. Ele ajustava uma casa, ajustava um prédio de estucador - isto é uma hipótese - lá no Algarve. Ia-se para o Algarve, se fosse preciso, que ele mandasse. Não sei quanto tempo estive lá, se lá estive um ano, se dois, mas a maior parte do tempo foi nas obras. Nas obras é que trabalhei mais tempo. Mas o dinheiro também não chegava, era pouco.

"Vender fruta com umas gigas"

Depois, fui para a venda da rua. Era negócio a vender fruta com umas gigas. Tirei uma licença à Câmara de Lisboa e ia vender. Se uma pessoa não levasse licença, era multada. Comprava a fruta na Praça da Ribeira, lá em baixo ao pé do Tejo. Há lá uma praça quando se vai para Algés, lá para baixo para o Dafundo ou para a Cruz Quebrada. À esquerda, entre o rio e a estrada, há ali uma praça. Há uma em cima com outro piso, mas esse é de vender ao quilo. A outra vende ao cabaz. Vão-se lá sortir. Ia às seis horas da manhã, mais ou menos. Às seis, tinha que lá estar na Praça para comprar para ir para a rua vender.

Depois, ia vender pela rua fora, direito à Rua Artilharia 1, Bairro Alto, Arco Cego, por aquela parte toda de fora. Levava a fruta em dois cabazes com um pau. Dois cabazes redondos. Levava ali ao ombro dum lado e doutro e levava as balanças penduradas e os pesos. Se fossem 20 quilos, eram 20 quilos, se fossem 30, eram 30. Era conforme o que se comprava. No tempo dos morangos,

eram cabazes daqueles pequenos de quilo e meio, 2 quilos. Levavam-se dois ou três à frente amarrados com um barço, outros três à retaguarda e levavam-se, vendiam-se. Depois, apregoava a fruta na rua por aí acima: se fosse bananas, era "bananas", se fosse pêras, era "pêras". Apregoava-se "pêra", "boa pêra". Mas havia garganta. Agora já não há garganta. Agora trago dentes postiços. Uma pessoa nem pode falar. Os de baixo não os trago. Tenho-os ali. Não consigo falar bem. Agora quando uma pessoa é nova, é outra vida. Naquele tempo fazia-se tudo. Tinha que ser assim. A idade assim o permitia. Ora agora não. Isto agora é diferente, muito diferente. Depois, dava a volta, vendia e pronto, ia-me embora para casa. Aí à uma hora, mais ou menos, conforme, já estava em casa. Tinha jeito para o negócio. Se não tivesse, também não podia lá andar. Aquilo não custava nada. Aquilo é vontade é de trabalhar. A pessoa, em tendo vontade de trabalhar, trabalha. Não tendo vontade, não trabalha. Eu trabalhei sempre, toda a minha vida. Não era mandrião.

Andei lá quase um ano. Já ganhava bem. Ao fim já havia dinheiro: 90, 80, 100, 110... Naquele tempo, era muito dinheiro. Era conforme se comprasse a fruta, porque a gente não vamos agora dizer assim:

- "Vamos ganhar isto, porque tem que ser."

Uma pessoa tinha que comprar a fruta barata. Se comprasse barata, ganhava dinheiro. Se a comprasse cara... E é assim a vida.

Depois, vim para cá para a Benfeita.

"Ainda estava tudo na mesma"

Ainda lá fui agora há uns cinco anos. Corri a Baixa toda e aquilo ainda estava tudo na mesma. Disse para o meu filho:

- Ó Berto, então mas isto agora ainda está na mesma?

Disse assim:

- "E aqui não arranjam."

A Baixa de Lisboa está sempre na mesma. Podem dar uma limpeza, mas não arranjam. Depois, quis lá ficar e ele disse-me para mim:

- "Você não fica aqui nada! Você vai já embora! Vai já embora comigo, porque você daqui a bocado até sem a roupa fica! Roubam-lhe a roupa, roubam-lhe tudo e você fica aí nu! Fica sem nada!" - dizia ele para mim.

Aquilo lá em Lisboa está um caso sério. Agora roubam lá uma pessoa com uma coisa desgraçada. Não é como no tempo do Salazar. No tempo do Salazar, era muito diferente. Agora, a guarda, a polícia, as polícias prendem-nos, ao outro dia já estão cá fora. Não adianta nada. O Salazar não deixava lá estar ninguém. Uns iam para a cadeia, para a esquadra, outros levavam não sei para onde.

Uma pessoa se lá não trabalhasse, naquele tempo, se lá estivesse assentado num jardim, chegava lá o polícia, ia logo verificar se ele tinha documentos e adonde é que trabalhava ou não trabalhava. Se não trabalhasse, levavam uma pessoa. Agora, não. Agora, dormem na rua. Naquele tempo, não dormia ninguém na rua. Aquilo é uma miséria, agora. Está muito diferente.



Alberto no dia do casamento, filho de Armando

Ofício "*Vim pegar na arte*"

Estive sete anos em Lisboa. Depois o meu pai adoeceu e eu voltei para cá. O meu pai faleceu e eu fiquei. Vim pegar na arte. A arte dava. Havia aí alguns dois ou três moleiros. Já morreu tudo. Andavam na mesma coisa. Tinham moendas arrendadas, que não eram deles. Eu também andei no rio, de Verão, em coisas alugadas. Moíam moinhos de Inverno, mas de Verão, não tinham água. De Verão, a ribeira aqui seca. Fica com pouca água. Não dá para moer. Tinha que se ir para o rio Alva. No rio Alva, havia água. E lá tinham outra moenda

arrendada. Ainda lá andei uns 20 anos, também, mas um dia, desavim-me com o moleiro que lá estava e disse assim:

- Já não me desavenho mais!

Ceguei aqui, mandei vir uma mó eléctrica e montei-a. Ficou-me, naquele tempo, talvez para cima de 200 contos. Também resolvi comprar para deixar de pagar a renda. Naquele tempo, uma pessoa podia pagar aí 10 alqueires por mês. Comprava-se, a electricidade era barata, uma pessoa vendia para aí. Tenho ali ainda a mó. Não trabalha. E já nem nunca trabalha. Depois, comprei uns moinhos lá em baixo. Tinha um a água ali em baixo. Ali, até já me roubaram as mós. Pelo menos duas.

Eu ia buscar o milho. Havia muito milho nessa altura. Então não havia? Havia com fartura. Era uma coisa doida. Agora não... Naquele tempo, havia muita malta cá. Empregavam-se muitos. Até ao dia fora a trabalhar. Agora, já ninguém trabalha. Abandonaram as terras. Foi o que fizeram. Mais nada.

Ia buscar o milho a estas terras. Ia para a Cerdeira cinco dias por semana, ia a Vinhó aos dois dias, ia a Pisão de Côja um dia... Estas terras aqui para baixo. Ia lá todos os dias. Trazia o milho, moía-o, ao outro dia ia distribuir e eles coziavam a broa. Em lugar de cozer agora o trigo, era broa que coziavam. Tinha uma mula e uma carroça e cheguei a ter um macho também. A mula levava a carroça. Ia cheio de sarrões. Levava às vezes 20, 30 alqueires de milho. Era conforme o que aviava. Ao princípio levava 1,5, por 10. Mais tarde começou a ser 2 quilos. Eram 10 quilos, levavam 8. Ficavam 2 para mim e 8 levava o dono do milho. O meu pai já fazia o mesmo. Mas ele não usava balanças. Não tinha. Era por medidas de 5 litros, 10 litros. Fazia aquilo. Havia meio alqueire e alqueire. Ora, eu era balança. Pesava tudo. Ele tinha uma medida aferida: 10 litros, outro de 15, outro de 2, outro de 3, outro de 1. E era assim sucessivamente. Era a mesma coisa. Talvez fossem 10 litros... Se fossem 10 litros de milho, tirava-lhe 2 litros. Levava 8. Era isso. Ele até à toa fazia aquilo. Já tinha muita prática. Foi a vida dele sempre. Não teve outra vida. Mais nada.

Foi alguns 30 e tal anos na arte de moleiro. Mas, depois, começou a faltar o milho. Acabaram de semear. Fui para o dia fora, a cavar terra, a dar sulfato e a arrancar batatas. Reformei-me e agora estou aqui em casa, à boa vida. Nem o azeite apanhei este ano. Queria semear ainda umas batatas, mas por causa da vista já não via bem. E mais nada. Agora, a gente vivemos é da reforma e dalguma coisita que temos.

Casamento "*Já tinha alguns 27 anos*"

A minha mulher morava em frente da minha casa. Depois pedi-a em namoro. Então, ela não me pediu. Fui eu que o pedi. Agora, é que elas pedem namoro aos rapazes. Agora, é diferente. Há umas aí que elas até se metem pelos olhos dentro a uma pessoa, quando eles são solteiros. Isto agora é diferente. É a verdade. Algumas rogam-se mesmo aos rapazes. Os rapazes parece que nem habilidade têm de pedir namoro. Se fosse noutros tempos, conforme elas andam aí quase que nuas, não faltariam filhos. Ora, agora não. Agora, eles parece que têm medo delas. No meu tempo, havia mais respeito. Ah! Pois havia. Havia alguma rapariga que amostrasse as pernas a um homem, a um rapaz? Não havia! Não havia, não. Isto é muito diferente. Em Lisboa, então agora ainda é pior. Quem for lá a Lisboa e que vá lá por uma rua abaixo, aí pelas quatro horas, cinco horas, estão ali agarrados, abraçados um ao outro, uma rapariga e um rapaz. É a vida deles. Eu não percebo nada daquilo. Aquilo, agora, é muito diferente. Uma pessoa vê. Aprenderam com as brasileiras ou não sei. Não percebo nada disto.



Casamento de Dorinda e Armando

Eu tive que pedir autorização aos pais dela. Já não me lembra o que disse. Isso já não me lembra. Uma pessoa para casar tem que ser. Naquele tempo, tinha que se pedir. Agora, não sei se pedem nem se não pedem. Naquele tempo, eles tinham que dar autorização se podia namorar ou não. Se podia casar com ela.

Quando me casei já tinha alguns 27 anos. Vim de Lisboa para aqui, solteiro, mas depois, passado dois anos ou três, casei-me.

Tenho um filho, mas está em Lisboa. Tem carta de chamada e um carro de praça. Não vem para cá.

Costumes *Hábitos*

No Natal

No Natal, era fazer bolos e comê-los. Eram bolos de botelha. Às vezes, faziam. Ainda hoje se fazem. Não havia prendas. Não havia nada disso. Agora querem é dinheiro e prendas. Nem é prendas, é dinheiro. É o que eles querem. Vão contentes é com dinheiro e mais nada. Nem brinquedos. A malta de agora querem é dinheiro para gastar.

Criavam-se porcos. Matava-se um porco todos os anos pelo Natal. Matava-se, depois salgava-se e depois iam comendo dele. Era diferente de agora. Agora, só se vem ao talho. Pouco criam.

Na Páscoa

Na Páscoa, vem cá o padre. Ainda hoje vem. Domingo de Páscoa, vem cá. Ou o padre ou manda leigos. Agora, até manda leigos, nem vem ele. Leva o ordenado dele. É o que ele leva. Em primeiro, eles não tinham ordenado. Agora, pagam, Têm que lhe dar não sei quantos contos. O padre que aí está, está em Côja. Ganha algumas seis freguesias ou cinco. Cinco ou seis. É da Cerdeira, daqui de Côja, não sei se é de Barril também já, de Folques e lá de cima da Teixeira.

No Verão

Quando era no Verão, por a festa, era coscoréis. Chamavam coscoréis. São uns bolos redondos e esmagados. Ainda fazem. Mais tarde, também faziam bolos

no fogão, dos amarelos, com ovos e farinha amassada. Depois punham dentro dumas latas e saíam bolos assim pequeninos.

Lugar "*Benfeita de Arganil*"

Noutros tempos - já não foi no meu tempo -, chamaram a isto Valverde. Depois é que passou para Benfeita, mais tarde. Benfeita de Arganil, porque há outra Benfeita aí para baixo, numa terra qualquer. Mas já não é do meu tempo. Essa coisa de Valverde já não é do meu tempo. Ouvia dizer. Depois, botaram o nome Benfeita, cá. Porquê, não sei. Não posso dizer nada. Então, lá em cima não botaram Pardieiros? No outro, não botaram Monte Frio? No outro, não botaram Sardal? Ali em cima, não botaram Pai das Donas? A seguir, não botaram Luadas? Então! Pertence cá a Dreia, Deflores... Noutros tempos, eles é que baptizavam. Sei lá como é que eles faziam. Não sei se era o Governo, se eram eles de cá, os da Câmara ou os da Junta. Isso não posso dizer nada, porque aquilo são coisas que já não é do meu tempo. Ainda não era nada.

Comodidades

Antigamente, não havia água em casa. Iam buscá-la com cântaros. Com uns cântaros de barro e umas bilhas de lata, iam buscar a água. Havia aí fontes num lado e noutro. A vida noutros tempos era assim. Mais tarde é que meteram aí. A água em casa foi a Liga, que depois levou 3 contos. Depois, a Junta entrou e fez pagar outros 3. Agora, todas as casas têm água, quase. É assim.

Também não havia luz. Era com uma luz, com um candeeiro a petróleo. E outras tinham de azeite. Era conforme podiam. Em primeiro, era assim. Quando eu me criei, era um candeeirito. Punha-se o petróleo para dentro, tinha uma torcida e depois ia-se chegando "pia cima"¹e alumiava. E via-se bem! Via-se melhor que agora se vê com a luz, com a electricidade. Para aquecer e cozinhar, era fogueira, era lenha. Havia uma cozinha. Em lugar de ser fogão, era uma cozinha. E depois faziam fogueiras na cozinha. Faziam o comer e aqueciam-se. Pronto, mais nada. A electricidade só foi mais tarde. Foi a companhia, parece-me. Pediram-na para aí ou a Liga é que pediu, se calhar. Não sei. Naquele tempo, eles vieram-na cá pôr. Se foi pela Junta ou se foi pela Liga isso não posso dizer nada. Foram coisas que não passaram pela minha mão. Eles, com certeza, quando botaram cá a luz eu até estava para Lisboa. Quem sabe lá? Não posso dizer quando foi, porque não verifiquei. Não sei se foi há 15 anos, se foi há 20. Não

¹por aí acima

fixei bem, não sei. E para estar agora a dizer que foi há 20 anos e que foi há 30, vale mais estar calado.

Depois, veio a luz, veio o telefone, veio a água e pronto. E agora parou.

O telefone ainda só o meti há dois anos. Nem telefone tinha. Meti o telefone, porque o meu filho e a minha nora começaram-me a chatear. Até nem o metia. Já tinha tanta coisa a pagar. Antigamente, escreviam-se cartas. Não se falava. Era cartas. Não sei se demorava um dia, se dois a cá chegar. Se lá botavam a carta a um dia, ao outro dia aqui estava. Agora, aqui há correio todos os dias, mas é um correio que vem de Côja. Distribuidor, vem de Côja e traz a correspondência aqui às portas. É o que traz, mais nada.

"Eram como um médico"

O tio Zé Augusto e o tio Zé Maria tratavam da saúde. Pois tratavam. Receitavam remédios, medicamentos. Eram como um médico. O tio Zé Maria era enfermeiro. Chegou a ser enfermeiro em Lisboa. Era esperto como tudo, mas já morreu. Meu amigo, isto é sempre a andar. Depois, morreu o outro. Agora ficou uma neta, que dá aí qualquer coisa. Uma que chamam Adélia, que trabalha ali em baixo no Centro. Essa ajeita-se bem. Aprendeu com ele. E é o que é. Mais nada.

"Eu tiro-te isso"

Uma vez, apareceu-me uma infecção na cara. Fui a dois médicos a Côja e eles receitaram-me lá uma coisa cada vez pior, cada vez pior. Cheguei aqui ao pé desse Zé Maria e disse:

- Ó tio Zé, então ando aqui à rasca da cara...

Mas não disse que fui ao médico. Diz ele assim:

- "É uma infecção que tens na cara, por causa da barba ser escanhoada. Mas eu tiro-te isso." - e tirou-me - "Tens é que levar uma injeção."

Receitou-me uma água. Passado três dias ou quatro, desapareceu tudo. Nunca mais tive nada.

"Fica caro fazer o azeite"

Dantes, apanhava o azeite sozinho mais a minha mulher. A minha mulher fazia o comer e eu ajudava a trabalhar. Chegávamos a apanhar 180 litros, 200,

200 e tal. Ia para o lagar e depois vinha do lagar preparado. Ainda hoje vai. Havia aqui dois lagares. Agora, cá, já acabaram. Levam ali para aqueles lados de Tábua, para umas terras que ali há. Não me lembra o nome da terra. Levam a azeitona, moem lá e trazem o azeite. Mas não vem todo. A maior parte fica lá. Se forem para lá 200, vêm 100. É assim a vida.

Agora, não apanhei azeitona. Perdi mais de 200 litros de azeite. Para ir falar a pessoal, o pessoal quer alguns 7 ou 8 contos por dia. Não dava. Assim, fui comprar azeite ao Lidl a Arganil. Trouxe quatro garrações e a outra ficou toda estragada na terra. Mais de 200 litros de azeite. Havia quem trabalhasse a terra, mas levam... Eu compro aí a 500 e tal ou 600 o litro. A gente não vamos pelos euros, vamos pelos escudos: 500 ou 600 escudos. O outro, que andava ao dia fora, ia para 1000. É uma diferença muito grande! Fica caro fazer o azeite. Então não fica?

Para mim, a aldeia é a coisa melhor. Foi adonde nasci. É donde me sinto bem. Eu não me sinto bem se for aí para outra terra. Aqui é que eu me sinto bem.

Quotidiano "82 anos é muito"

Para a idade que tenho, ainda muito me lembra eu, porque eu vejo alguns muito mais novos do que eu, que já não encarreiram nada. Já não dizem coisa com coisa. Parece que não, mas 82 anos é muito. Em chegando à idade de 70 anos, 60 e tal anos, começa a perder o cérebro. Já não se lembra. Eu não adoecia quando era novo. Era raro. Tive sempre saúde. Mais tarde, já ao fim de acabar esta coisa da arte de moleiro, é que tive que fazer operações. É a velhice. É a morte que está para vir. 81 anos, uma pessoa só está à espera da carta de chamada para andar, mais nada.

Mas eu não ando bom. Ou é da idade, ou não sei. Não vejo coisas para trabalhar. Não posso trabalhar e tenho fazenda. Andei a comprar fazenda de castigo e agora tenho para aí a fazenda toda de relva e não semeio nada. A minha mulher bem me dizia:

- "Não compres, não compres..."

Eu meteu-me na cabeça que nunca chegava a ser velho, pronto. Compro para a frente, agora, aguento-me. Agora, comprei umas máquinas, uma para fresar outra para cortar a erva e é com o que me vou havendo, porque se for à mão, já não me aguento. A trabalhar aí todo o dia. Ora, em primeiro, aguentava-me aí uma semana inteira a cavar com uma enxada, com uma ferramenta. Ora, agora não.

Isso está mau. Vale mais deixar abandonar a fazenda. A fazenda está toda abandonada. O Estado havia de botar mão. Era obrigar a trabalhar no campo quem tivesse fazenda. Agora, está aí tudo cheio de silvas. Essas silvas, dessas que picam, que dão amoras. Está tudo cheio. Aí, não há uma cabeça de gado, praticamente, não há quem crie um porco, não há nada. Têm umas galinhas, uma coisa qualquer. Eu também tinha duas cabras, mas também acabei com elas. Fui obrigado a acabar com as cabras, porque a idade assim o permitia. Estas propriedades aqui "pia abaixo"²era tudo cultivado. Agora já nem aqui de roda de cá, daqui da terra já cultivam. Isto não dá. Em primeiro, era diferente.

Noutros tempos, vivia-se mal. Hoje ainda se vive mal, mas já se vive melhor, porque é a reforma. Mas se tirassem as reformas, então é que era uma miséria autêntica. Ainda era pior que noutros tempos, porque já não se habituavam a trabalhar. Agora, a malta já não se habituava a trabalhar. Quem é que se aguentava a trabalhar aí de sol a sol a trabalhar de manhã até à noite? Aí com uma ferramenta nas mãos? Quem? Não há aí ninguém. Há aí um ou dois.

Agora, não gostava de ir para Lisboa. Não me puxa a ideia para ir para lado nenhum, nem passear, nem nada. É estar para aqui, que o dinheiro não chega. O dinheiro derrete todo, não chega. Agora, só estou a viver à beira da reformazita, mais nada. O dinheiro não se cava. Isso já lá vai o tempo, que uma pessoa ainda tinha dinheiro e brincava.

²por aí abaixo